

Linha de plantio em área de ocorrência natural da espécie.

# Mogno: será mesmo o fim?

POR GUILHERME DOS S. CARVALHO E  
EVARISTO F. DE MOURA TEREZO

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL

data 06, 08, 98  
cod. C3D 00024

**R**

cente trabalho, realizado por pesquisadores da Amazônia, dá conta que, ao contrário do que tem sido divulgado, o mogno não está em extinção, pelo menos na Amazônia Brasileira. Esta é a posição colocada no estudo "Reservas Naturais e Artificiais de *Swietenia Macrophylla* King na Amazônia Brasileira — numa Perspectiva de Conservação", a ser publicado pela Faculdade de Ciências Agrárias do Pará. Assinado pelos engenheiros florestais Paulo Contente de Barros, Waldeney Queiroz, José Natalino da Silva, Francisco Assis Oliveira, Permínio Paschoal Costa Filho, Evaristo de Moura Terezo, Murilo Menezes de Farias e Aliete Villacorta de Barros, especialistas em florestas tropicais, o levantamento indica a existência de 21 milhões de m<sup>3</sup> de mogno, excluído 13,7 bilhões existentes nas reservas indígenas reconhecidas pela Funai.

O mogno se encontra distribuído

por cerca de 1.520.000 km<sup>2</sup> na sua área de ocorrência natural, abrangendo os estados do Acre, Amazonas, Rondônia, Pará, Maranhão, Mato Grosso e Tocantins, equivalente a 16% do território dos Estados Unidos, seis vezes ao da Inglaterra, cinco ao da Itália ou quase 37 vezes ao território da Holanda.

A área indígena nessa região é de 341.280 km<sup>2</sup>. Excluindo as já substituídas por outras formas de vegetação, além das utilizadas por barragens, estradas, cidades e áreas indígenas, existem ainda cerca de 500.000 km<sup>2</sup> com mogno. Baseado nas taxas atuais de exportação, seriam necessários 40 anos para extinguir a madeira nestas áreas disponíveis. O trabalho informa, ainda, que já foram plantadas mais de três milhões de mudas de mogno, estando planejado o plantio de mais seis milhões para os próximos cinco anos, pelas madeireiras da região, principalmente do Pará.

Outro fato interessante é que cerca de 15% das árvores adultas são deixadas nas florestas, permitindo a pro-

dução de sementes e a regeneração da árvore. Essa situação já havia sido reportada pelo Instituto do Homem e do Meio Ambiente da Amazônia, uma organização não governamental do Pará, na publicação *Mahogany Extraction in The Eastern Amazon — A Case Study*, em 1992.

## **Desmatamentos causaram grande perda de madeira na Amazônia**

Os 400 mil km<sup>2</sup> desmatados na Amazônia, incluindo-se todas as formas de vegetação, causaram um grande desperdício de madeira pela sua queima pura e simples. As madeireiras da região conseguiram aproveitar apenas uma pequena parcela. No caso específico do mogno, o Ibama — Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis estabeleceu cotas de exportação, que vem sendo reduzidas gradativamente a cada ano. Os projetos de manejo sustentado também são exigidos das madeireiras e fiscalizados anualmen-

te. O suporte técnico é dado pelas instituições de pesquisas da região que, mesmo sem o total apoio do governo federal, lutando com escassez de recursos, vêm apoiando o setor com pesquisas e informações.

O Brasil participa com percentual inferior a 3% no comércio mundial de madeira, o que é irrisório frente aos 45 bilhões de metros cúbicos de madeira estimados pelo Projeto Radambrasil. Esse número tende a se elevar pela entrada de novas madeiras no mercado nacional. A divulgada extinção do mogno talvez esteja servindo como pano de fundo para breçar as exportações dessa espécie pelo Brasil, maior produtor do mundo e com a maior área de ocorrência natural. Se isso ocorrer, prevê-se um retorno à história de um passado recente, acontecido com a *Hevea brasiliensis*, pois o Sudeste Asiático, principalmente Malásia, Indonésia, Filipinas, Gabão e outros países, estão realizando grandes plantações. Será ex-

tremamente fácil instituir barreiras não tarifárias dentro dos países que normalmente importam o mogno do Brasil, criando-se assim uma reserva de mercado para o Sudeste Asiático mais uma vez.

A redução do desmatamento na Amazônia, apontada pelo Instituto de Pesquisas Espaciais de São Paulo, encarregado do levantamento nacional, aponta para uma nova fase de ocupação da Amazônia, em bases sustentáveis. A utilização racional da floresta é condição essencial para que a indústria madeireira opere indefinidamente.

A natureza na Amazônia é pródiga em sua biodiversidade e recompõe rapidamente as pequenas clareiras deixadas na floresta, durante a exploração. Nem mesmo operações com helicópteros evitariam que algum tipo de dano fosse causado à floresta.

As indústrias madeireiras, que operam na Amazônia, reclamam da legislação não condizente com as pe-

culiaridades regionais. De modo geral, são baseadas nos sistemas utilizados na região Centro-Sul, sem aplicabilidade na região, principalmente, no que se refere à exploração das florestas nativas e à complexidade fundiária na região, onde a simples posse da terra é a situação mais comum.

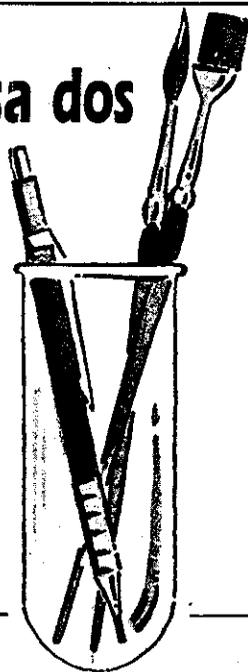
Os empresários estão conscientes da necessidade de compatibilizar a exploração dos recursos naturais com a manutenção permanente dos estoques em crescimento, no caso das florestas. O rendimento sustentado é a primeira palavra de ordem e a única forma de continuarem no negócio permanentemente.

*Guilherme dos Santos Carvalho e Evaristo Francisco de Moura Terezo são engenheiros agrônomos e assessores técnicos da Aimex - Associação das Indústrias Exportadoras de Madeiras do Estado do Pará e Território Federal do Amapá.*

## Natureza. A musa dos artistas da Tecnologia

Falar de natureza, há tempos atrás, era tema para poetas, músicos, artistas plásticos ou para simples e mortais observadores da vida.

Hoje, a inspiração entrou nos laboratórios e determina o tom e a harmonia desta obra que nada mais pede que sua preservação. Trabalham os criadores de um novo tempo. O nosso Tempo. Conseguindo excelentes resultados num trabalho de pesquisa e desenvolvimento em silvicultura, análise de solo, produção de mudas através do enraizamento



de estacas.

Apolar, dar recursos e estímulo a estes novos artistas é um compromisso que o Conglomerado Ripasa assumiu, há mais de 10 anos, consciente da importância e urgência deste investimento, e de que a natureza não é só poesia. É vida.

